

“POIS ERA NOITE DE SÃO JOÃO”: FESTAS JUNINAS, CULTURA TRADICIONAL, LUGARES DE IDENTIDADE, REFLEXÕES PARA UM TURISMO CULTURAL DE EXPERIÊNCIA

“POIS ERA NOITE DE SÃO JOÃO”: FESTIVALS OF JUNE, TRADITIONAL CULTURE, PLACES OF IDENTITY, REFLECTIONS FOR AN CULTURAL TOURISM OF EXPERIENCE

José Silva Pereira Júnior*

Resumo: O ato de festejar acompanha o ser humano durante seu desenvolvimento e é marcado pela diversidade e processos culturais plurais. O turismo pode se apropriar desses festejos, construindo visibilidade e valorização. As festas juninas de Fortaleza – Ceará, representam um elemento importante de identidade e memória locais e não são devidamente aproveitados como atrativos para o turismo. Assim, objetiva-se compreender a não inserção de Fortaleza entre os destinos consolidados do período junino. Para tal, realizou-se pesquisa bibliográfica e observação sistêmica do ciclo junino e turismo fortalezenses. Constatou-se que a cidade tem um movimento junino plural capaz de atrair visitantes para viver experiências ímpares e que a relação turismo, experiência e fazer juninos são possíveis, exigindo a vontade dos envolvidos na formatação e divulgação de um produto cultural e turístico para a cidade.

Palavras-chave: Turismo e Cultura. Experiência Turística. Festejos Juninos. Cultura Popular.

Abstract: The act of celebrating accompanies the human being during its development and is marked by diversity and plural cultural processes. Tourism can appropriate these celebrations, building visibility and appreciation. The festivities of June in Fortaleza - Ceará represent an important element of local identity and memory and are not properly used as attractions for tourism. Thus, the objective is to understand the non-insertion of Fortaleza among the consolidated destinations of the June period. To this end, bibliographic research and systemic observation of the June cycle and tourism in Fortaleza were carried out. It was found that the city has a plural movement in June periodic a pable of attracting visitors to live unique experiences and that the relationship between tourism, experience and June culture are possible, requiring the will of those in volved in shaping and dissemination of a cultural and tourist product to the city

Keywords: Tourism and Culture. Touristic experience. Festivities of June. Popular Culture.

1 Introdução

O ato de festejar acompanha o homem durante todo seu desenvolvimento social e humano. Festejar é uma forma de extravasar, celebrar, agradecer, lembrar, dançar, cultivar e representar as conquistas humanas num espaço cheio de símbolos, significados e representações. As práticas distintas da festa nos chegam ao presente incorporadas aos nossos calendários de tradição festiva e religiosa e como parte de nossa constituição enquanto seres

* Mestre em Logística e Pesquisa Operacional (UFC). Tecnólogo em Hotelaria e em Gestão de Empreendimentos Turísticos (IFCE). Professor do ensino técnico e superior nas áreas de turismo e hotelaria. Membro do Grupo de Pesquisa em Cultura Folclórica Aplicada (IFCE) e da Rede Nacional de Pesquisadores em Cultura Junina.

“Pois era noite de São João”: festas juninas, cultura tradicional, lugares de identidade, reflexões para um turismo cultural de experiência

sociais, tendo como elementos marcantes a diversidade e os desdobramentos em processos culturais plurais que vão contribuindo para a construção de identidades e memórias.

O turismo se insere neste contexto, por vezes, podendo apropriar-se desses momentos festivos para a construção de visibilidade e valorização destes num mercado extremamente globalizado e competitivo. Os processos de troca propiciados pelas viagens turísticas são importantes meios de promoção da autoestima e do orgulho das comunidades receptoras, do fortalecimento das manifestações culturais, além de proporcionar a interação e respeito entre anfitriões e visitantes e vivências diferenciadas àqueles que elas ensejam.

Os festejos juninos de Fortaleza, no Ceará, representam um elemento importante de identidade e memória das comunidades que os realizam, dos protagonistas da festa, bem como daqueles que participam e vivem as alegrias e experiências do período. É nessa perspectiva de compartilhamento, difusão e preservação do patrimônio cultural inerente ao ciclo junino fortalezense que se entende a inserção do turismo na promoção e valorização deste patrimônio.

Neste contexto, entende-se a necessidade de compreender a não inserção da cidade de Fortaleza entre os destinos consolidados do período de São João, pois como capital do estado apresenta-se naturalmente como portão de entrada e principal vitrine dos produtos culturais existentes, além de ser dotada da infraestrutura necessária para o desenvolvimento de um turismo sustentável que respeite as particularidades das manifestações culturais juninas.

Objetivando essa compreensão, a pesquisa desenvolve-se trazendo como principais trilhas teóricas as noções de patrimônio cultural –especificamente o do ciclo junino –de turismo cultural e de experiência, tentando encontrar na inserção destes um entendimento mais amplo das possibilidades da relação turismo e cultura para benefícios de ambos.

Parte-se do pressuposto de que o aproveitamento dos festejos populares pela atividade turística para ser possível deve considerar o envolvimento das comunidades na transformação de seu patrimônio cultural em produto de uso turístico, gerando, em consequência, a valorização de suas tradições culturais e a possibilidade de experiências turísticas mais autênticas. Acredita-se que os festejos juninos fortalezenses apresentam este potencial e características, mas não foram devidamente aproveitados por aqueles que fomentam o turismo na cidade.

Assim, para constatar ou refutar os pressupostos apontados, segue-se uma pesquisa em campo através do olhar investigativo e participante que capta as evoluções nas formas de festejar o São João na capital cearense, bem como as mutações nas formas de se fazer turismo.

“Pois era noite de São João” : festas juninas, cultura tradicional, lugares de identidade, reflexões para um turismo cultural de experiência

2 Materiais e Métodos

Para a realização deste trabalho, foram utilizadas extensa revisão bibliográfica e observação sistemática em campo com intuito de entender as transformações ocorridas nos festejos juninos que acontecem em Fortaleza e sua viabilidade e apropriação para o turismo.

A pesquisa bibliográfica adentrou em trilhas teóricas ligadas a festas populares e ciclo junino no intuito de compreender a relevância dos festejos juninos como elementos de memória e identidade dos grupos sociais que nela interagem, bem como do povo como um todo. Some-se a estes, as pesquisas feitas no arcabouço do turismo, especialmente turismo cultural e turismo de experiência, objetivando entender as contribuições do turismo na seara cultural. No cruzamento dessas trilhas teóricas, a pesquisa intenta compreender as relações possíveis entre patrimônio cultural junino e a prática do turismo cultural de experiência, destacando a mútua contribuição destes.

A observação sistemática das transformações percebidas no São João de Fortaleza, dar-se além do pesquisador com olhar externo ao objeto, pois como jurado de festejos juninos desde 2011 e estando diretamente ligado ao movimento junino em si, é possível melhor compreender o funcionamento das engrenagens que asseguram a produção cultural junina local.

Nesta mesma linha, o olhar do pesquisador sobre as modificações das práticas turísticas globalmente é intensificado para melhor perceber quais práticas adequam-se melhor a realidade local tendo como centro dessa escolha o entendimento da necessidade de pôr o povo – com suas peculiaridades, modos, história, cultura e tantos outros elementos – na centralidade do processo de fazer turismo.

3 Resultados e discussão

3.1 Trilhas Teóricas: compondo as reflexões do processo investigativo

3.1.1 “Chegou a hora da fogueira. É noite de São João...”: cultura tradicional e os festejos joaninos

Uma infinidade de celebrações, envolvendo comemoração, devoção e diversão, compõe o imaginário rico das festas populares brasileiras e apresenta, para além da função simples do entretenimento, uma marcante função social que as difere das festas massificadas que também pontuam o calendário festivo nacional.

“Pois era noite de São João”: festas juninas, cultura tradicional, lugares de identidade, reflexões para um turismo cultural de experiência

Ikeda e Pellegrini (*apud* CAPONERO; LEITE, 2010, p. 101) destacam que “as festas representam momentos da maior importância social. São instantes especiais, cíclicos, da vida coletiva, em que as atividades comuns do dia-a-dia dão lugar às práticas diferenciadas que as transcendem, com múltiplas funções e significados sempre atualizados”.

Para Santos (2019), as festas populares podem ser entendidas como um manifesto social de identificação cultural, de maneira que o ator social se posiciona não apenas como espectador, mas como participante com papel ativo do próprio movimento festivo. Os festejos populares são o palco das celebrações do povo em seus variados sentidos, usos e motivações.

Trazidas pelos colonizadores portugueses, as festas populares no Brasil apresentam-se como uma grande miscelânea cultural e se enraízam em cada região tornando-as, muitas vezes, manifestações ímpares do festejar brasileiro.

Um festejo em particular, ao qual nos remete a música de Lamartine Babo, “Chegou a hora da fogueira”, acontece no período de junho em inúmeros municípios brasileiros sobre as bênçãos dos santos católicos: Santo Antônio, São João e São Pedro, festejados nos dias 13, 24 e 29, respectivamente. As festividades do período são conhecidas por festas ou festejos “de São João” ou “joaninos(as)” – em referência ao santo – ou “juninos(as)” – em referência ao mês no qual acontecem mais intensamente – e a estas associam-se características particulares referentes a religiosidade, a celebração dos ciclos naturais e a fatos culturais tradicionais.

A diversidade de sentidos na festa dedicada a São João pode ser observada em Cascudo (2000) quando afirma que

São João é festejado com as alegrias transbordantes de um deus amável e dionísio, com farta alimentação, músicas, danças, bebidas e uma marcada tendência sexual nas comemorações populares, adivinhações para casamento, banhos coletivos pela madrugada, prognósticos de futuro, anúncios de morte. (...) coincide seu nascimento com o solstício de verão (de inverno para a América do Sul), quando as populações do campo festejavam as proximidades das colheitas... (CASCUDO, 2000, p. 298).

Complementando essa descrição, Macena Filha (2003) descreve a festa junina brasileira como uma festa que faz alusão ao campo, à agricultura, à cultura do milho, a um contexto sertanejo com bandeiras dos santos juninos nos mastros, as brincadeiras de adivinhação e simpatias, as fogueiras na véspera dos dias dos três santos principalmente.

Tais características apontadas pelos autores acima ressaltam na festa junina facetas que se revertem de diferentes formatos quando refletimos a dimensão deste festejo em terras brasileiras. No Brasil, a região Nordeste ganha destaque na realização dos festejos juninos quer pela maior quantidade de localidades que a celebram, quer pelas indumentárias características, pelas danças tradicionais e pela culinária típica que os caracterizam. É comum observar na

“Pois era noite de São João”: festas juninas, cultura tradicional, lugares de identidade, reflexões para um turismo cultural de experiência

região os festejos em torno da devoção dos santos católicos com acréscimo de São Marçal, celebrado no dia 30 de junho especialmente no estado do Maranhão.

Neste contexto de devoção, brincadeira e celebração, destacam-se os espaços dedicados as apresentações culturais, especialmente a dança da Quadrilha Junina. Entende-se por quadrilhas juninas as danças que são realizadas nas festividades que acontecem, preferencialmente, no mês de junho e estão associadas aos santos católicos do período (ZARATIM, 2014).

Ainda que outras manifestações de dança sejam típicas do período, tais como bumba-meu-boi, o tambor de crioula, o cacuriá, a dança do lelê, do coco, a quadrilha junina é uma das poucas danças do período, se não a única, que pode ser observada em todas as regiões do país. Por essa característica, é comum que os festejos juninos apresentem um momento/local para que as quadrilhas possam se apresentar competitivamente ou não.

Além das quadrilhas juninas, outros elementos também podem ser destacados como simbólicos do período de São João. Os mastros dos santos ostentando bandeiras a estes dedicadas são característicos de suas festividades religiosas e profanas. A composição dos festejos joaninos pelo Brasil conta ainda com a presença das fogueiras, fogos e balões. Araújo (*apud* SANTOS, 2019, p. 38) aponta que

(...) o clímax do ciclo junino, a joanina, está estritamente ligada aos cultos pirolátricos, por isso fogueiras e barulho. Barulho que também existe em Portugal, estampidos para afugentar o demônio nessa fase perigosa entre duas estações. [Visto que] A de São João no fundo é a festa que marca o começo da estação agrícola, localizada próxima da colheita, festa da produção (ARAÚJO *apud* SANTOS, 2019, p. 38)

Neste sentido, o fogo e as fogueiras são elementos característicos desse período e em torno delas acontecem uma série de brincadeiras, simpatias e crendices que fazem parte do cenário cultural tradicional brasileiro. Soma-se a isso o colorido das bandeiras que enfeitam os arraiais¹ e o colorido das indumentárias feitas em chita ou em tecidos xadrezes.

Além disso, temos a diversidade gastronômica que o período apresenta. Ainda que varie entre as regiões, o mês de junho é caracterizado, especialmente no Nordeste, como tempo de colheita. Destaque para o milho do qual saem inúmeras produções culinárias como pamonhas, bolo de milho, cuscuz entre tantas outras. Enfatiza-se ainda os queijos, os doces, os grãos, frutas e tubérculos, como feijão, banana, goiaba, caju e mandioca (SANTOS, 2019).

¹Arraiá é aqui entendido como o local da festa junina. Local de sociabilidade e de apresentação das manifestações culturais do festejo.

“Pois era noite de São João”: festas juninas, cultura tradicional, lugares de identidade, reflexões para um turismo cultural de experiência

Mais recentemente, os espetáculos e os cenários dos grandes eventos festivos se inserem como símbolos representativos dos festejos (GOMES, 2011).

Esse amálgama de elementos, ainda que diversos em decorrência de um Brasil miscigenado de grandes dimensões, destacam um período de festejos que ressaltam uma faceta cultural brasileira ímpar, sertaneja, devota, brincalhona e festiva e que representam elementos de identidade e pertença para os atores sociais que deles fazem parte e os movimentam.

3.1.2 “Ai que saudades que eu sinto das noites de São João”: lugares de memória e identidade junina

Os festejos populares do mês de junho marcam a movimentação de muitos brasileiros em torno da festa como espectadores, mas destacam ainda mais os atores sociais que estão por trás das manifestações e que efetivamente fazem as festividades acontecerem.

Caponero e Leite (2010) enfatizam que

as festas populares implicam em uma determinada estrutura social de produção que comporta a organização comunitária e uma regulamentação do grupo festivo, do elemento organizativo comunitário. São mantidas em função da cooperação da comunidade, senão de todos, de grande parte de seus membros, que se envolve em todas as suas etapas, passando pela preparação durante a fase cerimonial e aproveitando, ao mesmo tempo, da fruição, atuação e até mesmo da reorganização e retorno à rotina. (CAPONERO; LEITE, 2010, p. 104)

Essa organização comunitária percebida em torno dos festejos populares extrapola, muitas vezes, nos festejos juninos, a esfera do local, do simples ou mesmo do amador e envolve uma série de segmentos e profissionais.

Barroso (2015) aponta que a preparação para as apresentações culturais do período, no caso as quadrilhas juninas, começa tão logo finalizada a temporada junina do ano anterior. Assim, durante o período de produção dos grupos juninos, inúmeros subsídios devem ser providenciados: figurinistas, artesãos, sapateiros, costureiras, chapeleiros, roteiristas e diretores, cenógrafos, coreógrafos, compositores e músicos, produtores culturais, profissionais de cabelo e maquiagem, equipe de audiovisual, estrutura de eventos, dentre outros.

Essa forma de desenvolver a festa destaca um processo de transformação do movimento junino que, para resistir as transformações sociais advindas da globalização e da cultura de massa, adquire condição de “espetáculos urbanos”, para manter a vitalidade da tradição em uma sociedade pós-moderna. Muitas são as cidades, localidades ou bairros que realizam festejos ligados ao contexto junino, mas que deixaram o formato das festas de “brincar” o São João para adquirir o formato de festivais e arraiás mais bem estruturados, sem, contudo, perder o sentido de festejar (GOMES, 2011).

“Pois era noite de São João”: festas juninas, cultura tradicional, lugares de identidade, reflexões para um turismo cultural de experiência

Mesmo se inserindo nessa perspectiva de espetáculo, os festejos juninos, para além dos grupos artísticos e da espetacularização da festa, articulam-se em tornos de seus contextos para produção e execução do festejo. São *locus* de resistência da tradição cultural de muitas localidades e espaços onde se evidenciam concepções de identidade e memória.

A memória e identidade juninas, por vezes identificadas pelos símbolos característicos do período, constituem-se nos elementos significativos da festa. Barroso (2015), ao descrever o processo de criação e produção de um grupo junino cearense ressalta através da fala do organizador do grupo, a compreensão de que esta manifestação cultural está para além dos festejos de São João, pois é um processo comunitário que perpassa a vizinhança na qual o grupo convive e ensaia, que é representativo para a comunidade do entorno, além de espaço privilegiado de socialização.

Num exemplo representativo dessas relações estabelecidas pela dinâmica do período junino, temos a cidade amazonense de Parintins que, com seu festival folclórico, celebra anualmente nos três dias do último fim de semana de junho a disputa entre os Bois Caprichoso e Garantido. O duelo traz elementos da cultura da cultura cabocla da Amazônia, bem como forte presença da espetacularização observada em outras festas populares como os festejos carnavalescos vivenciados na cidade do Rio de Janeiro (FARIAS, 2001). Independente da festividade ser percebida como espetáculo, a festa transparece as características do local e a culminância do trabalho desenvolvido pela comunidade da região que veem na apresentação dos bois o ápice de um árduo trabalho de produção, difusão e resistência cultural.

Uma outra possibilidade de vivência da cultura e das brincadeiras produzidas no período junino – que se pontua como exemplo dessa representatividade do festejo para seu entorno – é a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, que acontece na cidade de Barbalha – Ceará. Considerada patrimônio imaterial do povo brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 2015, a festa acontece entre o final de maio e o dia 13 de junho. Os festejos são iniciados com derrubada do mastro e seu carregamento para ser erguido no pátio da igreja de Santo Antônio. No dia do carregamento, a cidade mobiliza grupos locais de folguedos populares e de devotos que ocupam as ruas da cidade (IPHAN, 2020). Durante os dias de festas, manifestações e interações culturais acontecem em torno da devoção ao santo casamenteiro e destacam a produção cultural dos grupos da região.

Os festejos joaninos são integrantes do patrimônio cultural em seu sentido mais amplo, articulando de maneira dinâmica o trabalho e o lazer, a devoção e o entretenimento, instaurando um período particular de expressão de valores e tradições populares. Assim, as

“Pois era noite de São João”: festas juninas, cultura tradicional, lugares de identidade, reflexões para um turismo cultural de experiência

brincadeiras juninas figuram como símbolos identitários e os espaços da festa são entendidos como lugares onde essas práticas culturais irão convergir (CARVALHO, 2011).

As festas dedicadas aos santos juninos se convertem em espaços de convivência, de sociabilidade, de experiência, de fruição e vivência culturais. Nas palavras de Canclini (*apud* BARROSO, 2015, p. 49), a participação na festa confere

movimentos de unificação comunitária para celebrar acontecimentos ou crenças surgidos da sua experiência cotidiana com a natureza e com outros homens (quando nascem da iniciativa popular) ou impostos (pela igreja ou pelo poder cultural) para comandar a representação das suas condições materiais de vida... (CANCLINI *apud* BARROSO, 2015, p. 49)

São esses movimentos de celebração, essas trocas e intercâmbios que nos permitem afirmar que há uma identidade inerente ao período joanino que atribui ao evento um caráter cultural singular, além de um lugar de memória.

Como espaço de difusão e experiência culturais, sem contudo, esquecer sua característica de religiosidade e divertimento, os festejos juninos imprimem uma marca que apresenta um Brasil sertanejo mesmo no contexto urbano, um Brasil pastoril em meio a pós-modernidade e que nos permite o saudosismo como o expresso na letras da música “Noites Brasileiras” de Luiz Gonzaga. As festas de São João são espaços sociais que colocam em evidência as brincadeiras típicas do período junino e que se revelam também como espaços confluentes de interações turísticas.

3.1.3 “Sempre a primeira festa do interior”: as festas de São João e o turismo cultural de experiência

O turismo adquiriu um significado de reencontro consigo e com o outro, além de busca daquilo que se perdeu, especialmente com o advento do tempo controlado pela dinâmica de trabalho pós-Revolução Industrial. O turismo surge no contexto da procura do tempo natural, do tempo de ser sujeito de seu próprio tempo.

Para contribuir a essas buscas e a esses reencontros, o fenômeno turístico se interessa pelos aspectos peculiares de cada lugar, do caráter autêntico de seu povo e seu cotidiano mais original, representada por toda sua gama de simbolismos (MARTINS, 2006).

Como já defendido e nesta perspectiva, os festejos joaninos podem ser entendidos como esse lugar representativo da cultura e da memória dos atores e da localidade que os realizam. São espaços de encontro que articulam a diversão e o labor, a fé e a brincadeira e, como tal, podem ser aproveitados como elementos de atração de espectadores e visitantes.

“Pois era noite de São João”: festas juninas, cultura tradicional, lugares de identidade, reflexões para um turismo cultural de experiência

Nas palavras de Carvalho (2011), o turismo se insere neste contexto cultural como elemento que permite a promoção de atrativos turísticos tendo como cerne a cultura popular tradicional das comunidades receptoras, na perspectiva da partilha e da preservação do patrimônio cultural, e a interação construtiva entre turismo e cultura.

Dessa relação entre cultura e turismo, deriva o chamado turismo cultural. Numa perspectiva geral, Barretto (2007, p. 87) aponta que “turismo cultural é todo aquele no qual o principal atrativo não é a natureza, mas um aspecto da cultura humana, que pode ser a história, o cotidiano, o artesanato ou qualquer dos aspectos abrangidos pelo conceito de cultura”.

Costa (2009) aprofunda a definição a partir das relações entre cultura, turismo e comunicação interpretativa e indica que

o turismo cultural pode ser compreendido como um segmento da atividade turística que, por meio da apreciação, da vivência e da experimentação direta dos bens do patrimônio cultural, material e imaterial, e da mediação da comunicação interpretativa, proporciona aos visitantes a participação em um processo ativo de construção de conhecimentos sobre o patrimônio cultural e sobre seu contexto sócio-histórico (COSTA, 2009, p. 190).

O turismo cultural é aqui entendido como uma prática turística motivada pela integração comunitária e de compartilhamento de experiências culturais e que se estimulada corretamente pode contribuir para a ampliação dos fluxos de visitantes e para o incremento das opções de visitação turística numa determinada época do ano para uma dada localidade.

Ainda que se tenha o entendimento que há uma linha tênue entre a exploração da cultura e sua espetacularização para fins mercadológicos e que, eventualmente, a modernização e o turismo podem levar a um enfraquecimento ou a perda da devoção e do comprometimento na concretização de um festejo, acreditamos que uma prática turística sustentável pode beneficiar o resgate cultural, estimular o reconhecimento e o prestígio das expressões culturais sem se configurar em ameaça a cultura original (CAPONERO; LEITE, 2010).

Nesse sentido e agregando às culturas populares tradicionais, o pensamento de Saul Martins compartilhado por Monica (2001) reforça essa ideia ao defender que turismo e folclore caminhem de mãos dadas, pois o folclore incita o turismo e, numa troca, o reconhecimento do turista entusiasma o povo, atribuindo-lhe prestígio e alimentando a cultura folclórica.

Inserido nessa compreensão do imperativo de uma relação necessária que precisa ser harmônica e sustentável entre cultura tradicional e turismo, torna-se cada vez mais relevante assegurar que as políticas públicas contribuam para a proteção e preservação dos aspectos fundamentais dessas manifestações culturais, sem minimizar seu significado social.

“Pois era noite de São João”: festas juninas, cultura tradicional, lugares de identidade, reflexões para um turismo cultural de experiência

Uma vez garantida o lugar apropriado para a cultura dentro da lógica do turismo, é possível perceber que a associação entre cultura e turismo é relevante, pois incide na qualidade da visitação turística e configura-se em suporte para educação patrimonial dos envolvidos. Nesta lógica, o uso dos festejos juninos para fins turísticos “estabelece novos valores e significados, com a constituição de territórios híbridos, onde os diferentes agentes sociais – gestores públicos, empresariado, prestadores de serviços turísticos e comunidades locais –, interagem numa complexa rede de relações e interesses...” (CARVALHO, 2011, p. 65).

Nesses territórios híbridos e complexos, um aspecto importante a ser destacado é que o turismo cultural pode oferecer uma boa experiência aos diferentes atores sociais envolvidos e especialmente aos visitantes e turistas. A experiência pode ser entendida como condição intrínseca ao turismo e é aspecto inerente da vivência possibilitada pelo turismo cultural quando constituído para além da simples contemplação.

O turismo de experiência decorre das mudanças observadas no modelo de consumo ocasionadas pela globalização que passa a demandar novidades que estimulem os sentidos e sentimentos. No bojo dessas modificações, o turismo de experiências é aquele no qual “existe interação real com o espaço visitado, mesmo que não seja o ideal, é o real e é o que o turista está em busca. (...) É uma maneira de atingir o consumidor de forma mais emocional, por meio de experiências que geralmente são organizadas para aquele fim” (SEBRAE, 2015, p. 08).

O turismo experiencial é uma forma de turismo que possibilita a aproximação do turista com o local, criando identidade, agregando elementos que o turista leva consigo do lugar e suscitando valor para o local, com sua permanência, retorno e divulgação positiva. Imergir numa vivência cultural como a possibilitada pelos festejos juninos é permitir que o turista compartilhe da identidade do local através de suas características e manifestações culturais.

Para que um turismo cultural de experiência se concretize, faz-se necessário que determinados elementos estejam presentes transformando a simples observação da cultura em uma vivência orientada para uma experiência. Estes elementos são:

- a. sentido – o turismo de experiência precisa de atividades que estimulem os cinco sentidos (visão, audição, tato, paladar, olfato), aqui incluso um sexto sentido que é o sinérgico, quando todos os sentidos são estimulados e a experiência acessa uma emoção que gera arrepios ou lágrimas; sentimento – desenvolver atividades afetivas que apelem para os sentimentos e emoções do turista. (...); b. pensamento – oferecer atividades que estimulem a criatividade e sejam uma novidade para o turista. Tais atividades devem estimular o pensamento livre, flexível e original, gerando um grande aprendizado. (...); c. ação – proporcionar experiências físicas e de interação entre turistas e moradores locais (...); d. identificação – focar em atividades que estimulem “experiências pessoais”, atingindo os sentimentos individuais do turista... (SEBRAE, 2015, p. 11 – 13)

“Pois era noite de São João”: festas juninas, cultura tradicional, lugares de identidade, reflexões para um turismo cultural de experiência

A luz desses elementos, é simples perceber que uma proposta de prática turística que possibilite a vivência das festas juninas atende a esses aspectos, pois a riqueza de características da festa, como descritas na canção “Festa do Interior” de Moraes Moreira e Abel Silva, estimulam os sentidos dos que dela participam; por envolver uma manifestação da identidade cultural de um povo apela ao sentimento e promove o estímulo do pensamento; além disso, a imersão cultural possibilitada pelos festejos provoca ação e interação entre turista e comunidade receptora possibilitando a identificação com o contexto local e sua cultura.

Neste contexto, cultura tradicional e experiência turísticas ligadas às festas de São João são faces do mesmo processo e, se respeitado o diálogo equilibrado entre patrimônio cultural e turismo, se configuram em bases para a construção de uma atividade sustentável.

3.2 Trilhas em Campo: pistas para um turismo cultural de experiência

3.2.1 *“Pois era noite de São João”: reflexões a partir do turismo e das festas juninas em Fortaleza/CE*

Fortaleza é a capital do estado do Ceará e portão de entrada de visitantes e turistas para usufruir de suas belezas naturais e culturais, atrativos e encantos. Como uma grande metrópole, Fortaleza se apresenta como uma localidade de ares cosmopolitas, mas que ainda ostenta as marcas que a definem como uma cidade litorânea que apresenta influências relacionadas ao sertão que lhe é próximo.

Nesse local híbrido e de influências variadas, as características sertanejas podem ser facilmente observadas, por exemplo, durante a realização dos festejos populares que pontuam o mês de junho. Os festejos juninos, tão bem cantados na música “Olha pro céu” de Luiz Gonzaga, desenvolvem-se no Ceará como um todo entre o final de maio e o mês de julho (por vezes, até agosto). Fortaleza manifesta dinâmica similar e apresenta diversas manifestações da festa espalhadas em quase todos os seus bairros.

No Ceará, e por consequência em Fortaleza, as festas juninas apresentam como características mais marcantes: a celebração em torno dos santos do período; a decoração colorida das bandeirinhas, fogueira e mastros dos santos; a culinária típica da época comercializadas em quermesses ou feiras gastronômicas em torno dos festejos; as simpatias, crendices e brincadeiras e o espaço e o momento de dançar quadrilha como ápice do festejo.

Os festejos cearenses do período junino são mais conhecidos como “festivais” e agregam as características de competição organizada entre quadrilhas juninas em nível local ou

“Pois era noite de São João”: festas juninas, cultura tradicional, lugares de identidade, reflexões para um turismo cultural de experiência

regional nos quais prêmios em dinheiro são concedidos aos melhores grupos, àqueles que atenderam os principais critérios de avaliação, dentre estes: a performance da quadrilha, casal de noivos, marcador, rainha, etc. (BARROSO, 2015).

Vários festivais apresentam dimensões e abrangências diferenciadas. Os “Arraiá do Povo” em Iguatu, “Festival de Quadrilhas Juninas de Uruoca” em Uruoca, “São João de Maracanaú” em Maracanaú, “São João do Ceará” em Fortaleza são exemplos dos festivais juninos que envolvem em sua programação festivais de quadrilhas, apresentações culturais, grandes shows, parques de diversão, brincadeiras do ciclo junino e cidades cenográficas. Na contramão dessa grandiosidade, existem festivais que acontecem em quadras esportivas, praças públicas e mesmo em ruas temporariamente fechadas para que o evento aconteça.

Figura 1 – Diferença do porte dos festivais do Ceará (Festival Vila São João de Maracanaú)



Fonte: SILVA *apud* GOMES, 2011 e PREFEITURA DE MARACANAÚ, 2018.

Independente da grandiosidade ou singeleza do festival (vide Figura 1), o movimento junino cearense apresenta alto nível de organização e profissionalização. Quadrilhas, promotores de festivais, jurados dos festejos e demais profissionais juninos são representados por entidades que fomentam o movimento. A Federação das Quadrilhas Juninas do Ceará (Fequajuce), a União Junina do Ceará (União), a Federação dos Eventos Juninos e Culturais do Ceará (FEJUC) são exemplos das representantes dos atores da cultura junina.

A representatividade do período também é perceptível em nível de políticas públicas. O Governo do Estado Ceará, através da Secretaria de Cultura (SECULT – CE), promove anualmente o Edital Ceará Junino²e, em 2020, premiaria³145 projetos do movimento junino em todas as regiões do estado entre quadrilhas juninas e festivais regionais. Além do

² Para maiores detalhes acerca do XXII Edital Ceará Junino referente ao ano de 2020, ver: <http://editais.cultura.ce.gov.br/2020/02/05/xxii-edital-ceara-junino-2020/>. Acesso em: 01 mai 2020.

³ O edital foi cancelado em decorrência da pandemia da Covid-19.

“Pois era noite de São João”: festas juninas, cultura tradicional, lugares de identidade, reflexões para um turismo cultural de experiência

investimento no trabalho desenvolvido pelos quadrilheiros⁴, e pelos responsáveis pelos festivais, a SECULT – CE está com o projeto “Mapeamento das Quadrilhas Juninas do Ceará”⁵ em andamento, ensejando mapear as quadrilhas juninas cearenses para seu reconhecimento e fortalecimento como manifestação cultural significativa do Ceará.

Os números apresentados reforçam a importância do ciclo junino para o estado do Ceará. Observar o comportamento do movimento junino cearense reforça a percepção da grandiosidade e da relevância do período como manifestação cultural viva e vibrante. Santos (2019) destaca a nova roupagem social do movimento junino cearense que antes se colocavam a margem da sociedade, mas na atualidade estabelecem cadeias produtivas que se sustentam por meio do investimento realizados nas quadrilhas juninas – pelos brincantes, patrocinadores ou incentivo governamental – e nos festivais juninos.

Ainda que o movimento junino possua grande representatividade cultural no Ceará tanto em número de quadrilhas juninas como em festivais locais e regionais, quanto no volume do investimento público, o movimento junino cearense adentra ao cenário cultural a sombra de cidades como Caruaru, em Pernambuco, Campina Grande, na Paraíba, e Mossoró, no Rio Grande do Norte, considerados os maiores festejos juninos do país (SANTOS, 2019).

Buscando também espaço junto a essas cidades, temos os festejos maranhenses. Ao descrevermos o São João do Maranhão, é possível destacar as articulações entre “grupos empresariais e instituições públicas na idealização, na transformação dos arraiais populares em bens de consumo turístico e cultural no intuito de conferir visibilidade aos produtores culturais e aumentar o nível de atratividade do destino no mercado” (CARVALHO, 2011, p. 67).

Esses esforços conjuntos observados nessas cidades reforçam o potencial das festas populares enquanto atrativos de fluxos de visitantes e turistas, bem como, os resultados consolidados e exitosos ratificam a relevância da transformação dos festejos juninos em possibilidades de experiência cultural, beneficiando quem os visita e, mais ainda, quem os produzem e vivem no seu cotidiano.

Fortaleza apresenta uma diversidade de festejos que possuem força para adentrar nesse circuito cultural junino e complementar as possibilidades de vivências no período. A cidade destaca-se em festivais como no bairro José Walter (Arraiá da Cumade Chica), Conjunto Ceará (Vila São João), Amadeu Furtado (Arraiá do Cumpadre Rogério), Bairro Ellery (Festival

⁴ Quadrilheiro é entendido como sinônimo de brincante. É aquele ator social que participa diretamente do grupo junino. Esta participação pode ser como dançarino, ator, marcador ou ainda nos bastidores na produção do grupo.

⁵ Para maiores detalhes acerca do Mapeamento das Quadrilhas Juninas do Ceará, ver: <https://www.ceara.gov.br/2020/02/17/secult-lanca-o-mapeamento-das-quadrilhas-juninas-do-ceara/>. Acesso em: 01 mai 2020.

“Pois era noite de São João”: festas juninas, cultura tradicional, lugares de identidade, reflexões para um turismo cultural de experiência

de Quadrilhas do Bairro Ellery), Nossa Senhora das Graças (Festival São Mateus), Monte Castelo (Arraiá do Cumpadre Kiko), entre outros (GOMES, 2011).

Em termos de política cultural na cidade de Fortaleza, a prefeitura municipal, através da Secretaria de Cultura de Fortaleza (SECULTFOR), apresenta o Edital de Festejos Juninos⁶. Na edição de 2019, o montante investido no ciclo junino de Fortaleza foi de R\$ 1.065.000,00 em 71 projetos juninos entre quadrilhas e festivais juninos.

Figura 2- Divulgação dos eventos dos grupos juninos para arrecadação de fundos e divulgação de seus trabalhos em 2019 e 2020.



Fonte: Perfil oficial dos Grupos Juninos⁷ no Instagram, 2020.

É importante ressaltar que muito do que se vê como resultado do trabalho de grupos e promotores de eventos juninos durante os festejos de São João não é fruto do investimento governamental. Muitos festivais e quadrilhas acontecem por consequência do engajamento da sociedade, especialmente da comunidade a qual o grupo junino pertence ou na qual o festejo acontece, comunidade esta que internaliza as raízes e frutos desse trabalho sociocultural. Some-se a esse engajamento o esforço pessoal dos quadrilheiros e dos promotores dos festivais.

A guisa de exemplo dessa movimentação, temos as festividades e movimentações que antecedem ao período junino em si (vide Figura 2). Festas, blocos de pré-carnaval, bingos, ensaios abertos, quermesses, vendas de souvenirs são exemplos dos eventos promovidos pelas quadrilhas para arrecadar fundos para desenvolverem os trabalhos daquele ano, mas também são momentos de compartilhamento dos processos criativos e de participação da sociedade.

Essas ações podem ser observadas ao longo de todo o ano. A produção do ciclo junino em Fortaleza, bem como em todo estado, ganhou ares similares ao que se percebe na

⁶ Para maiores detalhes acerca do Edital de Festejos Juninos 2019 ver: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-abre-inscricoes-para-o-edital-de-festejos-juninos-2019>. Acesso em: 01 mai 2020.

⁷ Os perfis visitados foram das quadrilhas Ceará Junino (@cearajunino), Junina Babaçu (@juninababacu) e Paixão Nordestina (@paixaonordestinaoficial). Acesso em: 01 maio 2020.

“Pois era noite de São João”: festas juninas, cultura tradicional, lugares de identidade, reflexões para um turismo cultural de experiência

produção do carnaval da cidade do Rio de Janeiro. Terminado a temporada de um ano, já se iniciam os trabalhos de pesquisa, escolha de temáticas, desenvolvimento dos projetos que culminarão nos espetáculos juninos do ano seguinte. Essa linha de tempo, além de envolver uma série de profissionais, brincantes e amantes da cultura junina no trabalho árduo de manutenção das práticas culturais, insere a sociedade, apreciadores da cultura e pessoas dispostas a compartilhar as vivências do ciclo.

Figura 3 – Festa de São Pedro na Praia do Mucuripe, em Fortaleza – CE



Fonte: Jornal O Povo, 2017.

Além dos festejos centrados nas quadrilhas juninas, Fortaleza ainda conta com uma grande festa dedicada a um dos santos juninos. A Festa de São Pedro é uma tradição da cultura litorânea fortalezense e se repete na cidade desde a década de 1930. O ponto alto da festa é a procissão de jangadas que leva a imagem do santo para alto-mar e acontece no dia 29 de junho (vide Figura 3). A festa desenvolve-se no entorno da Capela de São Pedro dos Pescadores, tombada como patrimônio da cidade. O festejo ao santo pescador é tão relevante que foi o primeiro bem imaterial registrado de Fortaleza (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2016).

A festa mescla fé, cultura, trabalho e diversão, fortalecendo o valor simbólico da celebração dos pescadores, bem como “fortalece as experiências religiosas da coletividade, pelo sentimento mútuo e pela identidade da fé sob o efeito do sagrado” (GOMES, 2011, p. 106). Mesmo com essa importância cultural e religiosa, a festa vem a cada ano recebendo menos incentivos por parte do poder público e resiste pela força da comunidade que a sustenta e realiza.

Esses dados evidenciam que as festas populares do mês de junho em Fortaleza são um movimento continuado e calcado nos esforços de quadrilheiros e amantes da festa, na

“Pois era noite de São João”: festas juninas, cultura tradicional, lugares de identidade, reflexões para um turismo cultural de experiência

devoção do fortalezense aos santos juninos e que também temo investimento públicos para sua difusão e perpetuação ainda que não de forma equitativa. São espaços de experiência e fruição cultural que possibilitam a vivência do litorâneo e do sertão mesmo no contexto da pós-modernidade das cidades cosmopolitas. A capital cearense apresenta um movimento junino diverso capaz de atrair visitantes com desejo de viver experiências culturais pulsantes e ímpares.

Ainda assim, em termos turísticos, os festejos juninos fortalezense não são objetos de esforços públicos e/ou privados contínuos para se inserirem enquanto produtos culturais e turísticos. O *trade* turístico local e os órgãos de fomento ao turismo priorizam o discurso da “vocação natural” e focam na cidade litorânea que oferece as benesses do sol e do mar.

Figura 4 – Capa do guia “Cultura na Cidade”.



Fonte: Prefeitura de Fortaleza, 2018⁸.

Percebe-se que se d  pouca relevância aos festejos juninos em Fortaleza. Os eventos s  a partir de 2017 passaram a integrar o calendário nacional de festejos juninos promovido pelo Ministério do Turismo segundo informa es do Portal G1 CE. Enquanto estratégia de divulga o, apenas em 2018, a prefeitura de Fortaleza lançou esforços para criar um guia da programa o oficial dos festejos, além de ampliar as possibilidades de vivências juninas através da promo o atividades em vários espaços públicos e em equipamentos culturais do município. Chamada de “Fortaleza Cidade Junina”, a programa o oficial promovida pela SECULTFOR (vide Figura 4) envolvia apresenta o de quadrilhas juninas, forró p -de-serra, conta o de histórias para crianças e feira gastron mica típica. Tal prática foi descontinuada em 2019.

⁸ Para guia completo, acessar: https://issuu.com/secultfor/docs/guia_junho_2018_web. Acesso em: 30 abr 2020.

“Pois era noite de São João”: festas juninas, cultura tradicional, lugares de identidade, reflexões para um turismo cultural de experiência

Esse tipo de atitude reforça o pensamento de Martins e Coriolano (2009, p. 110) ao apontar que “a cultura cearense ainda não foi devidamente valorizada pelo turismo, não se compreendeu plenamente sua importância. O povo cearense que deveria estar incluído no centro da atividade turística é excluído”.

Não carece ao movimento junino cearense beleza, relevância cultural, possibilidade de experiência diferenciadas, profissionalismo, resistência da parte de quem o personifica ou investimento público. Na perspectiva de um turismo de experiência, não há ausência de possibilidades que ativem no visitante e no turista ávidos por vivências culturais profundas os elementos que as potencialize em uma verdadeira experiência ativando os sentidos e os sentimentos, propiciando o pensamento e ação e culminando numa genuína identificação tão fundamentais para esta prática turística.

Não falta o movimento junino fortalezense infraestrutura básicas ou turísticas para receber visitantes e turistas, infraestrutura nos festivais juninos. O que falta é a compreensão por parte do poder pública e do *trade* turístico que

o importante atrativo do Ceará não é apenas seu litoral, mas sua cultura, aquela que se desenvolveu no espaço em que o povo singularmente elaborou e a partir de sua história transformou em identidade, contando-se desde o passado até o agora através desse patrimônio que se projeta ao futuro, em essência e base das identificações do ontem, do agora e do devir (MARTINS; CORIOLANO, 2009, p. 114).

Precisa-se ainda entender que para oferecer uma autêntica proposta de turismo de experiência a partir dos festejos do São João de Fortaleza se faz necessário unir as potencialidades do sol e do mar com a cultura dos povos do litoral que carregam símbolos do sertão que lhes acercam. Deve-se olhar para além do “sol e mar” para perceber que Fortaleza tem muito mais a oferecer do que tão somente os benefícios da maritimidade.

Para tal, é imprescindível a articulação de esforços das esferas privadas e públicas numa ação perene de divulgação e difusão do produto cultural fortalezense possibilitando a consolidação da cidade como um destino junino, figurando entre os maiores festejos do país como já fazem Caruaru, Campina Grande e Parintins e como desejam São Luís e Mossoró.

4 Considerações Finais

O turismo por essência é uma experiência cultural, pois em suas variadas formas de se concretizar sempre leva a interação em maior ou menor grau entre anfitriões e visitantes. Ele não pode ser analisado nem compreendido de forma isolada do contexto social e cultural no qual se internaliza. Desta forma e para estabelecer uma relação harmoniosa entre os atores

*“Pois era noite de São João”: festas juninas, cultura tradicional, lugares de identidade,
reflexões para um turismo cultural de experiência*

sociais e os visitantes, é essencial que o turismo promova uma valorização da cultura local ensejando o desenvolvimento das comunidades receptoras e do próprio turismo.

É nesta perspectiva de valorização que leva ao desenvolvimento que se compreende a relevância de se inserir os festejos populares, especificamente os do período junino, numa agenda de apropriação pelo turismo com fins de se estabelecer uma relação de benefícios mútuos. Percebe-se que é possível uma relação harmoniosa desde que os atores principais do processo estejam no centro do planejamento e ditem o desenvolvimento que almejam.

Fortaleza, que apresenta o chamado “São João da capital”, tem todos os elementos para rivalizar com destinos juninos consolidados, faltando apenas o *trade* turístico entender seu papel na formatação de produtos turísticos que diversifiquem a oferta turística da cidade.

Enquanto experiência cultural e turística, os festejos juninos fortalezenses apresentam a riqueza de características da festa, como os apresentados nas trilhas sonoras pontuadas ao longo da pesquisa, e o universo cultural essenciais para estimular os sentidos dos que dela participam, para apelar ao sentimento, promover o estímulo do pensamento e provocar ação e interação entre turista e comunidade receptora ocasionando a identificação com o contexto local e sua cultura.

A pesquisa conseguiu responder seu questionamento e atingir seus objetivos ao constatar que as razões que levam a Fortaleza a massificar sua proposta de turismo no binômio sol e mar estão em uma visão míope das reais potencialidades da cidade e na falta de percepção do que o mais importante atrativo local é sua cultura, pois é ela que revela sua identidade e memória e de fato compõem o patrimônio local, junto com seus atrativos naturais. Cabe a trabalhos futuros compreender outras dimensões do mesmo questionamento, envolvendo pesquisa com os atores do ciclo junino, bem como com os planejadores do turismo local.

Para que isso saia do campo das ideias e vire uma proposta real, é imprescindível a articulação de esforços das esferas privadas e públicas numa ação de divulgação e difusão do produto cultural fortalezense, que essa seja contínua e permanente possibilitando que haja a consolidação da cidade como uma opção no cenário de destinos juninos.

Mais que isso, é fundamental colocar o povo com sua cultura e história na centralidade do processo de desenvolvimento turístico para que se tenha um turismo sustentável que respeite as manifestações da cultura junina e que atribuam a cultura o valor que ela merece.

Referências

BARRETTO, Margarita. **Cultura e Turismo:** discussões contemporâneas. Campinas/SP: Papirus, 2007.

*“Pois era noite de São João”: festas juninas, cultura tradicional, lugares de identidade,
reflexões para um turismo cultural de experiência*

BARROSO, Hayeska Costa. Mercadores da Tradição: os usos da tradição nas quadrilhas juninas do Ceará. **Revista Políticas Públicas & Cidades**. v.3, n.3, p. 42 – 63, set/dez, 2015. Disponível em: <https://rppc.emnuvens.com.br/RPPC/article/view/21/20>. Acesso em: 20 abr 2020.

CAPONERO, Maria Cristina; LEITE, Edson. Inter-relações entre festas populares, políticas públicas, patrimônio imaterial e turismo. **Revista Patrimônio: Lazer e Turismo**. v.7, n. 10, abr.-mai.-jun./2010, p. 99 – 113. Disponível em: [https://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/pdf/Ensaio1_v7_n10_abr_mai_jun2010_Patrimonio_UniSantos_\(PLT_21\).pdf](https://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/pdf/Ensaio1_v7_n10_abr_mai_jun2010_Patrimonio_UniSantos_(PLT_21).pdf). Acesso em: 22 abr 2020.

CARVALHO, Karoliny Diniz. Identidade, Turismo e Tradução Cultural: Análise da dinâmica dos eventos juninos no Maranhão. **Revista Rosa dos Ventos**. n. 01, v, 03, Universidade Caxias do Sul. jan/jun2011. p. 62 – 72. Disponível em: http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/771/pdf_32. Acesso em: 20 abr 2020.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 9 ed. São Paulo: Global, 2000.

Ceará entra no calendário nacional de festejos juninos do Ministério do Turismo. **Portal G1 CE**. 31 maio 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/ceara/sao-joao/2017/noticia/ceara-entra-no-calendario-nacional-de-festejos-juninos-do-ministerio-do-turismo.ghtml>. Acesso em: 25 abr 2020.

COSTA, Flávia Roberta. **Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

FARIAS, Edson Silva de. **Ócio e Negócio: festas populares e entretenimento-turismo no Brasil**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

GOMES, Maryvone Moura. Um olhar sobre as festas juninas e seus novos cenários: O caso do São João de Maracanaú - Região Metropolitana de Fortaleza (RMF, Ceará). **GeoTextos**. vol. 7, n. 2, p. 99-120, dez. 2011. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/viewFile/5647/4089>. Acesso em: 20 abr 2020.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. IPHAN. **Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1330/>. Acesso em: 01 mai 2020.

MACENA FILHA, Maria de Lourdes. **Patrimônio imaterial, identidade cultural e memória: o "ser cearense"**. Fortaleza: BNB, 2003.

MARTINS, José Clerton de Oliveira. Patrimônio Cultural e Identidade: Significado e Sentido do Lugar Turístico. *In*: MARTINS, Clerton (org.). **Patrimônio Cultural: da memória ao sentido do lugar**. São Paulo: Roca, 2006. p. 39 – 50.

“Pois era noite de São João”: festas juninas, cultura tradicional, lugares de identidade, reflexões para um turismo cultural de experiência

_____; CORIOLANO, Luzia Neide. Ceará turístico: identidades e identificações entre o sertão e o mar. **Caderno Virtual de Turismo**. vol. 09, n. 01, p. 105 – 116, 2009. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/331/211>. Acesso em: 29 abr 2020.

MONICA, Laura Della. **Turismo e Folclore: um binômio a ser cultuado**. 2 ed. São Paulo: Global, 2001.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **Festa de São Pedro dos Pescadores acontece de 27 a 29 de junho no Mucuripe**. 27 jun 2016. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/festa-de-sao-pedro-dos-pescadores-acontece-de-27-29-de-junho-no-mucuripe>. Acesso em: 01 mai 2020.

_____. **São João do Ceará 2019 se consolida no calendário turístico da Capital**. 19 jun 2019. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/sao-joao-do-ceara-2019-se-consolida-no-calendario-turistico-da-capital>. Acesso em: 01 mai 2020.

SANTOS, Larissa Ferreira dos. **As quadrilhas juninas do Ceará nas narrativas dos mestres brincantes: das raízes ao espetáculo turístico**. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.

Sem apoio do poder público, festa de São Pedro no Mucuripe é reduzida. **Jornal O Povo**. 23 jun 2017. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2017/06/sem-apoio-do-poder-publico-festa-de-sao-pedro-no-mucuripe-e-reduzida.html>. Acesso em: 25 abr 2020.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. SEBRAE. **Turismo de Experiência**. Recife: SEBRAE, 2015. Disponível em: https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/PE/Anexos/turismo_de_experiencia.pdf. Acesso em: 28 abr 2020.

ZARATIM, Samuel Ribeiro. **Quadrilhas juninas em Goiânia: novos sentidos e significados**. Dissertação (Mestrado em Performance Cultural) – Escola de Música e Arte, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2014.

Submetido em: 11/05/2020
Aprovado em: 17/06/2020